



**DISPOSITIVO METODOLÓGICO DE PRODUÇÃO DE DADOS
NARRATIVOS A CONTRAPELO DAS PATOLOGIAS DA MODERNIDADE:
UM GRUPO PARA “COMVERSAR”**

**METHODOLOGICAL DEVICE FOR PRODUCING NARRATIVE DATA
AGAINST THE GRAIN OF MODERNITY’S PATHOLOGIES: A “TALKK”
GROUP**

Roberta de Oliveira Barbosa¹

Paulo Gabriel Franco dos Santos²

Deise Aparecida Peralta³

Resumo: A modernidade trouxe imperativos de racionalização que levaram, na primeira geração da Escola de Frankfurt, ao desencanto com o potencial da razão, devido às relações sociais baseadas na racionalidade instrumental. Consonante a uma postura que desvela, mas também busca vias alternativas à razão instrumental, este ensaio propõe um dispositivo metodológico de produção de dados narrativos fundamentado em Jürgen Habermas e Walter Benjamin, que criticam as patologias da racionalização. Seus “remédios” são o agir comunicativo e a narração de experiências. O “Grupo para ComVersar” é organizado em torno da razão comunicativa, permitindo que participantes rememorem e narrem experiências sem coerções ou hierarquias. Ao longo do texto defende-se que essa forma de pesquisar potencializa espaços de esfera pública, essenciais para a politização e descolonização do mundo da vida. Por fim, são ilustradas condições para a constituição de um Grupo para “ComVersar”.

Palavras-chave: Teoria do Agir Comunicativo; Pesquisa Qualitativa; Teoria Crítica.

Abstract: Modernity brought imperatives of rationalization that led, in the first generation of the Frankfurt School, to disillusionment with the potential of reason, due to social relations shaped by instrumental rationality. In line with a stance that reveals but also seeks alternatives to instrumental reason, this essay proposes a methodological strategy for narrative data generation based on Jürgen Habermas and Walter Benjamin, who critique the pathologies of rationalization. Their “remedies” are Communicative Action and the Narration of Experiences. The “Talk Group” is organized around communicative reason, allowing participants to recall and share experiences free from coercion or hierarchies. The text argues that this form of research fosters the creation of Public Sphere spaces, essential for the politicization and decolonization of the lifeworld. Finally, conditions for establishing a “Talk Group” are illustrated.

Keywords: Communicative Action Theory; Qualitative Research; Critical Theory.

¹ Doutora em Educação para a Ciência, UNESP, UNESP, Bauru, São Paulo, Brasil. E-mail: oliveira.barbosa@unesp.br

² Doutor em Educação para a Ciência, UNESP, UNB, Brasília, Distrito Federal, Brasil. E-mail: paulosantos@unb.br

³ Livre-docente em Educação Matemática, UNESP. UNESP, Jaboticabal, São Paulo, Brasil. E-mail: deise.peralta@unesp.br



1 Introdução

*Apenas à luz da esfera pública
manifesta-se tudo que o é,
tudo que se faz visível.
Habermas⁴*

1.1 Historicidade da proposta

Nada aparenta ser mais hodierno, em termos de metodologia de/para pesquisas qualitativas, que a busca por processos que apreendam, e contemplem, as inquietações acadêmicas do tempo presente. E, nesse sentido, nos parece bem promissoras, obviamente dentre tantas outras, propostas atuais que questionem fundamentos normativos de metodologia de pesquisa ainda tão impregnados do ideário positivista, e propostas que, a contrapelo de metodologias enraizadas em uma realidade social estruturada por relações de poder, objetivem posturas imanentes de racionalidade comunicativa e não de estratégica-instrumental. Sendo assim, e na tentativa de se alinhar a esse segundo conjunto de propostas, este ensaio versa sobre uma possibilidade investigativa ou uma metodologia de pesquisa, que vem sendo construída ao longo dos últimos dez anos, a saber desde 2013, no âmbito do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas Avançadas em Currículo (NIPAC)⁵ sediado na Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho” (UNESP).

O NIPAC busca, fundamentado nos ideais de comunicação e de narração, caminhos de resistência às mazelas⁶ da Modernidade⁷ que, impactando a vida das pessoas, atravessam suas formações, reflexões e investigações. Inicialmente, essa busca se deu em projetos de pesquisa desenvolvidos no âmbito da pós-graduação, investigando experiências de professores que se formam em grupo. Atualmente, a proposta se estende

⁴ HABERMAS, Jürgen. *Mudança Estrutural da Esfera Pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução Denilson Werle. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 97.

⁵ Endereço para acessar o espelho do grupo de pesquisa no diretório do CNPq: dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4551766380179817

⁶ Modernidade traz consigo uma racionalização crescente da vida social; traz também múltiplas esferas em que o discurso se materializa e que, previamente unificadas em visões de mundo mitológicas, acabam por desacoplar-se e dificultam uma elaboração coletiva e reflexiva das pessoas. Tal análise da Modernidade trouxe para Max Weber, e os membros da chamada primeira geração da Escola de Frankfurt, um certo desencanto com as relações profundamente marcadas pelas invasões furtivas da racionalidade instrumental. (Peralta, 2022, p.03)

⁷ Assumimos neste texto por Modernidade os sentidos empregados por Habermas (2000) ao censurar a Hegel e defender o desenvolvimento de uma nova concepção, atenta ao fracasso da solução hegeliana, e que não mais esteja assentada sobre o princípio da subjetividade. Habermas considera a Modernidade um projeto social inacabado, já que uma sociedade moderna autônoma sempre foi ideal que nunca se cumpriu, e definido não por um evento ou marcador temporal, mas por um conjunto de processos que se constituem mutualmente, tais como, “o estabelecimento do poder político centralizado e à formação de identidades nacionais; a expansão dos direitos de participação política, das formas urbanas de vida e da formação escolar formal; à secularização de valores e normas, etc” (Habermas, 2000, p. 5).



a estudos curriculares que primam por narrações de pessoas envolvidas nos fenômenos investigados, tais como os trabalhos de Rodrigues (2018), Novaes (2020), Lima (2020), Barbosa (2021), Lima (2021), Alves (2022), Cruz (2022), Peralta (2023).

A preocupação do NIPAC sempre foi, e continua a ser, fazer pesquisa como forma de reverter os processos de “desacoplamento” e “colonização”, promovendo um “reacoplar” entre pesquisa científica e o mundo vivido pelas pessoas que fazem parte das investigações. E ainda, propor uma “descolonização” dessa pesquisa científica, buscando metodologias que tornem possível a interação humana via racionalidades alternativas àquelas eminentemente técnicas; a construção de espaços que se tornem uma potencial esfera pública de discussão sobre os contextos sociais envolvidos nas investigações; a coletividade e a deliberação no lugar do individualismo e dos imperativos neoliberais de mercado na produção de conhecimento (Habermas, 2012a; 2012b).

Entretanto, esse reacoplar não significa um retrocesso a formas de indiferenciação entre ciência e outras formas de experiência humana no mundo social, mas que a diferenciação e a autonomia entre elas garantam limites aos domínios que lhes são próprios livres de hierarquizações. A descolonização se impõe para permitir fazer ciência com livre atuação de outras racionalidades, incluindo as que questionam e não aderem a ideários com remanescentes positivistas em todas as esferas e instituições sociais.

Assim o sendo, com o passar do tempo e com uma crescente apropriação pelo NIPAC do referencial da Teoria Crítica⁸ a partir de projetos de pesquisa que foram se estruturando em torno, principalmente, de Jürgen Habermas e Walter Benjamin, a preocupação se materializa em uma proposta denominada Grupo para “ComVersar”. Os pressupostos basilares para constituição desse Grupo é o agir comunicativo (Habermas, 2012a; 2012b) como orientação para as interações entre as pessoas envolvidas na investigação e a narração de experiência (Benjamin, 1980) como diretriz para delineamento de constituição de dados de pesquisa.

O Grupo para “ComVersar” mobiliza conceitos do arcabouço teórico crítico habermasiano e do benjaminiano, demonstrando confluências que permitem um pesquisar, ao passo que agrega pessoas, provocando análises da realidade concreta não

⁸ Em termos históricos, a Teoria Crítica é um projeto interdisciplinar que, com raízes em Kant, Hegel e Marx, tem sua terminologia associada a Max Horkheimer que, originalmente, em um texto de 1937, cunha a expressão como conceito. O texto foi publicado na revista do Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt na Alemanha. Devido à localização geográfica do Instituto não é raro encontrarmos Teoria Crítica sendo citada como Escola de Frankfurt. Entretanto, a diversidade de perspectivas representativa dos teóricos críticos não se enquadraria em uma escola de pensamento, e nem Frankfurt foi o endereço mais duradouro do Instituto (Peralta, 2023; Nobre, 2004).



para descrevê-la simplesmente, mas para identificar e diagnosticar os entraves e as possibilidades de emancipação⁹ ao rememorar e narrar experiências relacionadas a processos de formação.

1.2 Pesquisar e “ComVersar”

As andanças do NIPAC pela seara das metodologias de pesquisas qualitativas que, concomitantemente ao adentramento do pensamento de teóricas e teóricos críticos, permitem avaliar as “garantias” dadas por essas acerca da rigorosidade científica, mas também atestam sobre limitações impostas a capacidades de invenção, criação, (re)existência e liberdade de investigar a serviço da humanidade no fazer científico.

Em escritos sobre perspectivas qualitativas de investigação, André e Gatti (2010) já alertavam sobre o quanto a trilha das pesquisas qualitativas apresentam dificuldades que, se acentuando quando as pesquisas são focadas na narração e no diálogo, não contemplam as pessoas em suas subjetividades e especificidades de histórias de vida, ainda que partilhando de um mesmo tempo histórico e contexto social. Assim, fazer pesquisa que, envolvendo pessoas, objetivem estudar experiências vividas, não pode significar retirá-las de seus contextos - com tudo que elas representam- e invisibilizá-las diante de categorias que tendem a ser globalizantes, totalizantes e superficiais.

Sendo assim, sem fazer jus à qualidade e à confiabilidade de referenciais metodológicos de constituição de dados em pesquisas qualitativas, que apresentam necessárias contribuições a pesquisas em Educação na contemporaneidade brasileira, parece pertinente questionar os referenciais metodológicos que ao se esquivarem de contestar a racionalidade que subjaz as interações comunicativas na sociedade, direta ou indiretamente, perpetuam um modelo de racionalidade, o instrumental, amplamente criticado no âmbito da Teoria Crítica.

Consonante a isso, assim como defende Goodson (2015), as pessoas se sentem mais sensíveis à necessidade de narrar as experiências rememoradas ao presenciarem a narração de pessoas que, como elas, fazem parte do cenário investigado, caracterizando um processo colaborativo de discriminação e análise daquilo que constitui uma experiência. A pesquisa, nessa perspectiva, se define como prática social que toma o trabalho investigativo não com o objetivo de configuração de “resultados”, mas pela

⁹ Em Horkheimer (1980), a emancipação é relacionada a desvelar a dominação vigente, entendendo a própria realidade como produto das condições sociais capitalistas. E esse é o conceito assumido neste texto em todas as vezes que o termo aparece.



elaboração de um caminho a ser percorrido mantendo uma característica comum entre pesquisas qualitativas, a saber a preocupação com as pessoas e os significados que atribuem às suas experiências; também se coloca com a intencionalidade de constituir condições de compreensão e de interpretação da realidade disposta, potencializando politização por meio de espaço para, literalmente, falar e ouvir.

Nesse contexto, a intenção da terminologia “ComVersar” é remeter a um lugar de versar (falar, expor, discorrer, dissertar) de forma conjunta ou com pares. O jogo de palavras (Com + Versar) evoca, propositalmente, a junção, sem sobreposição, de uma forma peculiar de interação discursiva: os significados do que se discute só podem ser entendidos se tomados no coletivo, isoladamente os enunciados e as normativas não possuem significados suficientes para serem entendidos em suas totalidades. Isso, pois em grupo as interações discursivas podem ser regidas por uma ética inclusiva, oferecendo condições para que uma reunião de pessoas (falantes) rememore suas experiências e busque pontos de entendimento sobre alguma realidade compartilhada. Entre as estratégias utilizadas para a rememoração, destacam-se: atenção ao consentimento e questões éticas, decisões livres de coerções, garantias de usos de falas livres de assimetrias, exposição das pretensões de validade, emprego de ética discursiva, e oferecimento de um espaço de culminância ou elaboração daquilo que foi conversado.

Em suma, “ComVersar” se define por possibilidade de reunir pessoas, valorizando cenários democráticos, com dupla finalidade: pesquisar politizando, enquanto politiza a si, a pesquisa e o próprio ato de pesquisar.

2 Os referenciais do Grupo para “ComVersar”

*Quem ainda encontra pessoas que saibam contar histórias
como elas devem ser contadas? Que moribundos
dizem hoje palavras tão duráveis que possam
ser transmitidas como um anel, de geração
em geração? Quem é ajudado, hoje,
por um provérbio
oportuno.
-Benjamin¹⁰*

¹⁰ BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 114.



2.1 Jürgen Habermas: o Agir Comunicativo

Jürgen Habermas (1929-), assistente de Theodor W. Adorno no Instituto de Pesquisa Social em Frankfurt, passou a denunciar o pessimismo presente no diagnóstico apresentado em *Dialética do Esclarecimento* (Adorno; Horkheimer, 1985), retomando para tanto o modelo formulado em *Teoria Tradicional e Teoria Crítica* (Horkheimer, 1980).

Para Habermas (2012a), abandonar a centralidade da razão, nos processos orientados à emancipação, significaria questionar as possibilidades de um comportamento crítico em relação ao conhecimento historicamente produzido, colocando sob suspeita o próprio projeto crítico da Teoria Crítica. Entretanto, alerta que as possibilidades para a emancipação não estavam estruturalmente comprometidas, mas que o próprio conceito de emancipação, originalmente formulado por Marx e, em decorrência, por Horkheimer deveria ser repensado para cada sociedade em cada época. Isso não porque advogue abandonar a crítica como método, mas sim, porque as formulações iniciais da Teoria Crítica talvez não sejam suficientes para dar conta das realidades hodiernas.

O modelo crítico de Habermas (2012a; 2012b; 2014a; 2014b; 2015), ampliando temas e buscando novos paradigmas explicativos, identifica no diagnóstico de Adorno e Horkheimer (1985) um conceito de razão tomado, única e exclusivamente, como instrumental. E diante disso, propõe que razão instrumental seja um dos tipos de razão, nunca devendo ser considerado como único, mas a ser entendido como alvo de crítica. Essa elaboração teórica é formulada como uma teoria do agir, inicialmente, proposta em *Técnica e Ciência como Ideologia* (Habermas, 2014d) e, de forma mais completa, nos dois volumes de *Teoria do Agir Comunicativo* (TAC) Habermas, 2012a; 2012b). Nessas obras, contrapondo-se a Horkheimer e Adorno (1985), a pretensão do autor é mostrar como o tipo de desenvolvimento da racionalidade leva à diferenciação do tipo de razão e, conseqüentemente, a um tipo de ação.

A TAC empreendida por Habermas (2012a, 2012b) consiste em um posicionamento radical à racionalidade instrumental, uma teoria com propósito prático e explicação abrangente das relações entre os seres humanos, priorizando a compreensão da sociedade via análise das ações envolvidas. Nesse sentido, as ações se caracterizam em Estratégicas ou em Comunicativas dependendo da forma como as interações são mediadas: se objetivam o êxito (Ações Estratégicas) ou o Entendimento (Ações Comunicativas). A racionalidade inerente ao discurso de interação social de uma comunidade de falantes deve ser entendida pela capacidade dos sujeitos em falar e agir, que nas condições da TAC, deve buscar, além do Entendimento, processos de socialização e integração social (Postingue; Peralta, 2020, p. 1307).



A racionalidade comunicativa seria aquela que por excelência encontra-se inscrita na realidade das relações sociais. Em sendo assim, Habermas (2012a; 2012b; 2014a; 2014b; 2015) nos coloca diante de um dilema, aparentemente, paradoxal: as condições ideais de comunicação dependem de comunicação em condições ideais, pois sem essa perspectiva de horizonte utópico não seria possível vislumbrar uma ação orientada para o entendimento mútuo, livre de assimetrias e de coerções e “onde prevaleça a força do melhor argumento e nunca o argumento da/pela força” (Habermas, 2020, p.36).

De acordo com Freitag (1995) “decanta da Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen Habermas sua teoria da Modernidade, imersa em múltiplas publicações, mas nunca desenvolvida explicitamente pelo próprio autor em um texto sintético” (p.138), descrevendo os paradoxos ou patologias apresentadas com base no pensamento sociológico clássico e contemporâneo. Para a autora, Habermas (2000; 2012a; 2012b), ao associar o conceito de mundo da vida¹¹ à perspectiva de sistema¹², tece explicações sobre a sociedade moderna ocidental em termos de suas patologias, oferecendo, não só diagnósticos, mas prognósticos e caminhos de superação.

Tais patologias se relacionam a transformações que ocorreram na modernidade, sobre as quais, segundo Habermas (2012a), incidem quatro categorias de processos. Destas, duas com conotação positiva, os processos de diferenciação e de autonomização¹³; e duas com conotação negativa, os processos de racionalização e de dissociação seriam os geradores de patologias sociais.

A racionalização gera a colonização do mundo da vida pelo sistema. Nesse processo, a racionalidade própria e constituinte dos dois subsistemas do sistema (economia e estado) se expande a instituições do mundo da vida, invadindo-as e dominando-as. Como explica Freitag (1995), por conta da colonização, campos que deveriam funcionar segundo os princípios da verdade, normatividade e expressividade

¹¹ Mundo da vida em Habermas (2012a; 2012b) “deve ser entendido a partir do referencial do autor da experiência da realidade social, pois se relaciona com questões internas à pessoa, subjetivas, compondo-se da vivência com uma língua, com tradições, com cultura partilhada” (Peralta, 2023, p.36).

¹² Sistema é “concebido a partir da perspectiva de quem observa, trata-se de constructo que está fora das pessoas, externo à sociedade. Não se trata necessariamente de conceito oposto ao conceito de mundo da vida, mas de complementar. O conceito habermasiano de sistema torna possível entender as estruturas societárias que asseguram a reprodução material e institucional da sociedade: a economia e o Estado.” (Peralta, 2023, p. 36).

¹³ Para Jürgen Habermas, a diferenciação e autonomização referem-se ao processo pelo qual as esferas sociais, como a economia, o direito e a política, se separam de uma estrutura social indiferenciada. Esse processo caracteriza a passagem da sociedade pré-moderna, onde mitos e tradições permeavam todas as esferas da vida, para a sociedade moderna, onde as diferentes esferas adquirem uma lógica própria e autônoma. A autonomização das esferas é vista como um sinal de racionalização e progresso, permitindo uma interação mais livre e crítica (Silva, 2021).



passam a funcionar motivados pelo lucro e pelo exercício do poder coercitivo. O processo de dissociação gera a patologia do desacoplamento entre o mundo da vida e o sistema. Eles, que deveriam ser complementares, se dissociam de tal forma a sustentar que as pessoas passem a se submeter às leis do mercado e a burocracia estatal, gerando uma apatia generalizada e sentimento de impotência nas pessoas. Esses dois processos, em grande parte, decorrem um do outro, pois o sistema vai se fortalecendo à medida que o mundo da vida se fragiliza. O sistema passa então a impor sua lógica ao funcionamento do mundo da vida das pessoas.

Para reverter o processo de dominação veiculado pelo sistema, Habermas (2012b) defende o uso correto da comunicação ou das interações simbolicamente mediada, o que implica a fala para o entendimento. Um antídoto então para a ação instrumental que sustenta as patologias decorrentes da modernidade seria o agir comunicativo (Habermas, 2012a; 2012b), cuja racionalidade orientadora se volta para o entendimento.

A busca por entendimento no processo comunicativo em perspectiva habermasiana visa atender a algumas bases ou pretensões de validade, que tendem a ser princípios universais para um discurso que se presta não só a expressar premissas, mas argumentar na construção de consensos. Essas pretensões são alicerces da organização dos encontros do Grupo para “ComVersar”, visto que oferecem subsídios a formas de obtenção de compreensão mútua, o falante constrói uma pretensão de validade, quer dizer, pretende que o dito por ele seja válido num sentido amplo. Então, Habermas menciona que quando se fala, diz-se alguma coisa para uma ou mais pessoas, pretendendo que aquilo que se diz seja válido para e pelos ouvintes.

Essas pretensões podem ser expressas ao “a) enunciar de uma forma inteligível; b) dar (ao ouvinte) algo que este compreenderá; c) fazer-se a si próprio, desta forma, entender; d) atingir o seu objetivo de compreensão junto de outrem” (Habermas, 1996, p. 12). Em outras palavras, se o desejo é a compreensão recíproca, no conhecimento partilhado, na confiança mútua e na concordância entre os ouvintes, deve haver o reconhecimento de quatro pretensões de validade (ou validez), respectivamente, a compreensibilidade, a veracidade, a sinceridade e o acordo.

Ao integrar um grupo de falantes dispostos a entendimentos e consensos, tal como o Grupo para “ComVersar”, as pessoas procedem a uma virtualização das suas condições de existência, antecipam hipoteticamente que a discussão será realizada em dadas condições que, de fato, não existem, mas devem ser necessariamente almejadas, a saber:



1. igualdade comunicativa: os participantes podem falar de igual para igual, sem nenhum tipo de restrição, por maior que seja sua desigualdade social; de modo livre de coerções, por piores que sejam as relações de dominação vigentes.

2. igualdade de fala: os participantes podem empregar todos os tipos de fala, conhecem e podem fazer uso de todo tipo de expressão, explicação, recomendação e juízo para problematizar as pretensões de validade do fragmento do mundo da vida em discussão (Peralta, 2012, p. 24- 25).

Esses pressupostos configuram-se na chamada situação ideal de fala habermasiana, sendo “uma suposição inevitável e não um fenômeno empírico ou uma mera construção. (Peralta, 2012, p. 25). A participação é pautada por esclarecimento, a conversação não é prejudicada por nenhuma coação externa, cumpre-se condições de diálogo descomprimido e não se manifesta nenhuma repressão comunicativa.

O entendimento não pode ser estabelecido com uma pessoa ao mesmo tempo que se exerce influência sobre essa mesma pessoa, pois não podem ser intersubjetivamente consideradas um acordo ações que violam condições sob as quais as forças ilocutórias despertam convicções e originam vínculos. A emancipação torna-se possível em contextos em que as interações são mediadas linguisticamente com vistas ao entendimento.

Se faz possível perceber uma grande distância entre essas formulações de Habermas e os princípios fundamentais da Teoria Crítica originados em Marx. Uma das consequências mais imediatas dessa reformulação dos parâmetros críticos por Habermas é que "emancipação" deixa de ser possível somente pela via da "revolução", e passa a ser possível a cada interação que se promova via racionalidade alternativa à instrumental; a cada espaço que se torne uma potencial esfera pública; a cada vez que a coletividade e a deliberação passem a vigorar no lugar do individualismo e dos imperativos neoliberais de mercado (Peralta, 2023, p. 37-38).

Diante disso é possível admitir contribuições do referencial habermasiano às metodologias de pesquisa, tendo em vista as configurações pragmáticas, as orientações para a evocação de memórias, a disposição para a fala e para a escuta e a ação coletiva para a recepção e o encaminhamento prático do conteúdo narrado. Nesse sentido, advoga-se pelo fim da arbitrariedade e da coerção nas questões que circundam comunicação social, particularmente, como a narração de memórias sobre experiências, propondo uma participação mais ativa e igualitária de todas as pessoas envolvidas em oposição ao desacoplamento entre sistema e mundo da vida e a colonização desse por aquele.

2.2 Walter Benjamin: Narração e Experiência

Segundo Rosa (2016; 2019; 2021), a modernidade, com sua ênfase na técnica, na aceleração do tempo e nas transformações tecnológicas, submete o ser humano a uma



vida mais fragmentada e menos integrada ao passado e às tradições. Walter Benjamin (1892-1940) dedicou-se a empreender diagnóstico desse estilo de vida imposto pela modernidade, tecendo uma densa reflexão sobre as mudanças derivadas da urbanização, industrialização e cenário de ascensão do fascismo. Assim, como Jürgen Habermas, também denuncia mazelas da modernidade ao explicar que, em função das estruturas do capital, as pessoas adquirem, por interesses externos, um caráter irremediavelmente privado, utilitarista e acelerado, incapaz de incorporar memórias ao campo da Experiência, retirando os acontecimentos do contexto.

Nos primórdios do século XIX, Benjamin, filósofo e crítico literário, constitui matiz conceitual para realizar sua crítica social, decorrendo disso uma sofisticada teoria da experiência (*Erfahrung*) como forma de representação dos dilemas que marcam e/ou marcam a relação entre as pessoas e a sociedade, o indivíduo e a coletividade, a tradição e o progresso na modernidade. É nesse contexto que surgem propostas para se explorar outras formas de ser e de estar no mundo e, assim, defender possibilidades de expressões subjetivas e intersubjetivas com base em uma noção de experiência como “percepção da realidade alternativa àquela formatada pelos cânones do liberalismo e simbolizam o que Benjamin denominou de novo bárbaro¹⁴” (Sanches; Silva, 2019, p.153).

Benjamin (1994), ao abordar a pobreza¹⁵ da experiência na modernidade, destaca o enfraquecimento da capacidade humana de acumular e transmitir vivências significativas, especialmente em seu caráter coletivo. Essa ‘pobreza de experiência’, que afeta não apenas indivíduos, mas toda a humanidade, leva Benjamin a vislumbrar o surgimento de uma nova forma de barbárie. Contudo, ele não a entende como uma barbárie destrutiva, mas como uma oportunidade de recomeço. Essa nova barbárie seria caracterizada pela capacidade de construir e de romper com as antigas estruturas que já não mais oferecem sentido. Em vez de olhar para o passado com nostalgia, o ‘novo’ bárbaro avança com criatividade, pronto para criar algo a partir das ruínas da experiência empobrecida.

Segundo Barrento (2012), ao longo da obra de Walter Benjamin, é possível evidenciar uma série de noções sobre Experiência, afirmando que não há a delimitação

¹⁴ Bárbaro, em uma perspectiva benjaminiana, tem conotação positiva, sendo quem se opõe às regras em uso e que não se submete ao espírito de uma cultura imposta. Seria alguém que ainda não foi completamente dominado em sua subjetividade e, por isso, ainda tem possibilidades de resistir às investidas de colonização de seus sentidos e formas de existência em função de promessas de progresso.

¹⁵ Em Experiência e pobreza, ensaio datado de 1933, “Benjamin faz uma série de constatações exemplares na arte, na arquitetura e na cultura que, acompanhadas de questionamentos cruciais a respeito da pobreza, se estabelece no campo da experiência na Modernidade” (Rocha, 2022, p. 180-181).



de fronteiras acerca de um conceito, mas a defesa de ideias que possibilitam apreendê-lo. Ou seja, em Benjamin (1984), experiência é uma marca impressa pela expressão da vida humana na (inter)subjetividade que se define via uma constelação de ideias, a saber, em arranjo de várias noções por meio do qual um (ou mais) sentido para essa expressão se faz característico.

Num de meus primeiros ensaios mobilizei todas as forças da juventude contra a palavra “experiência”. E eis que agora essa palavra tornou-se um elemento central de sustentação em muitas de minhas coisas. Apesar disso permaneci fiel a mim mesmo. Pois meu ataque cindiu a palavra sem a aniquilar. O ataque penetrou até o âmago da coisa (Benjamin, 1984, p. 21).

Assim, não só a palavra experiência, mas a noção de experiência e a forma como a experiência foi se configurando na modernidade assume *status* de ente constante em suas reflexões. As obras, *Ensaio como experiência* (1913), *Sobre o programa da filosofia do porvir* (1918), *Experiência e pobreza* (1933), *O narrador: considerações sobre a obra de Nicolai Leskov* (1936), *Sobre alguns temas em Baudelaire* (1940) e *Infância berlinense: 1900* (entre 1926 e 1938), ilustram esse *status* e evidenciam um amplo e profícuo diálogo do autor com outros pensadores acerca do tema da experiência.

Esse diálogo pode ser evidenciado em Benjamin (1980a), ao afirmar que a consciência das experiências depende do ato de narrar, ecoa Proust (1998), ao destacar a memória como elemento essencial para a articulação entre o passado e o presente. Ambos enfatizam que a experiência humana não se constrói apenas a partir das vivências imediatas, mas também pela capacidade de rememorar e transmitir essas vivências ao longo do tempo. A memória, nesse contexto, funciona como um elo entre o que é vivido e o que já foi vivenciado, permitindo a acumulação de saberes e tradições que conferem profundidade tanto à Experiência individual quanto à coletiva.

Benjamin (1980) ao falar sobre memória faz uso de duas categorias encontradas em Proust (1998; 2001), memória voluntária e memória involuntária. A primeira, relativa à vivência, se localiza na superfície da memória e é capaz de separar o indivíduo do coletivo, pois ao fazer referência apenas ao sujeito, afasta-o de sua historicidade. Já a segunda, induz mais densidade nas significações, sendo aquela memória na qual se encontram exterioridade e interioridade. Esse tipo de memória é típico de sociedades que valorizam a tradição e práticas de socialização de Experiências entre as pessoas.

Se a sociedade capitalista industrializada das grandes metrópoles aniquila a possibilidade de espaços e tempos para (re)memorar, controlando o tempo livre para que esse seja uma extensão do seu projeto de consumo e acúmulo, além de reduzir a própria



capacidade de constituir memórias e experiências a situações vividas, o ato de narrar pode se apresentar como um caminho para buscar a assimilação em camadas profundas, resgatando o valor da experiência.

Segundo Benjamin (1994), a troca de experiências também é fundamental para mitigar a supressão de memória e promover novos saberes e conhecimentos às pessoas. Na obra *O narrador*, Walter Benjamin defende que, ao narrar, são ampliadas as possibilidades de prolongar a memória do ouvinte. Assim como o modo que consideramos a memória se faz importante para transmitir o conhecimento das experiências, o inverso também é verdadeiro. Dessa forma, parece ser possível reaver algo que Benjamin admitia já como perdido: a narração como caminho na troca de experiências e consequente análise e construção da realidade de forma coletiva.

A visão integrativa da narração está presente em Benjamin (1980a; 1980b; 1984; 1994; 2018), quando esse afirma que o ato de narrar recorre ao acervo de experiências de vida, tanto aquelas que imediatamente lhe vem como memória voluntária como as experiências relatadas por outros que, ao desencadear memórias involuntárias, permitem conexão com experiências que não estavam evidentes. Segundo o autor, a narração conecta pessoas, tornando as experiências de quem fala também daqueles que ouvem, enfatizando a conexão entre narrar e lembrar o experienciar como intrínseca à relação memória, narrativa oral e ação social de tomada de consciência das experiências. A proposta do Grupo para “ComVersar” é oportunizar a construção dessa consciência via interações orientadas pelo agir comunicativo, recorrendo à narração de memórias ou apenas fragmentos da memória para analisar as experiências, incluindo o contexto nos quais essas estão inseridas.

Benjamin (2013) usa a imagem de uma constelação para explicar a relação entre ideias e fenômenos, em uma comparação com a leitura das estrelas, na qual a contemplação justapõe elementos isolados e heterogêneos (as estrelas) que se iluminariam reciprocamente, revelando o que há entre eles, de comum (uma constelação). Para Corrêa e Souza (2016) esse processo de criação de um delineamento, como contemplação das estrelas, é uma construção estética e subjetiva que se faz oportuna aos que preferem abraçar os desvios e se colocar a contrapelo de práticas de pesquisas “formatadas” de forma rígida.

E, nesse sentido, um Grupo para “ComVersar” que, privilegiando a não linearidade da interpretação das experiências humanas, oferece uma contribuição fundamental para produção de pesquisas acadêmicas ao se colocar como metodologia que



contempla percursos investigativos que escapam as narrativas e formatos tradicionais reafirmando a centralidade da reflexividade coletiva no ato de narrar e convertendo os próprios desvios, como a autoformação durante a narrativa e a atenção a detalhes aparentemente tangenciais em recursos analíticos.

E, nesse sentido, o Grupo para “ComVersar” propõe uma estratégia que substitui roteiros lineares por encontros de narração aberta, seguidos de escuta coletiva e elaboração colaborativa, de modo que os participantes, enquanto narram, analisam e reorganizam suas memórias, produzem conhecimento e se formam reflexivamente.

3 Grupo para “ComVersar”: pressupostos, constituição e uma experiência

3.1 Definição de Grupo para “ComVersar”

O Grupo para “ComVersar” é um espaço metodológico que tem como objetivo principal a criação de um ambiente onde os participantes podem narrar suas histórias, rememorar experiências e buscar entendimento coletivo, baseando-se na Teoria da Ação Comunicativa de Jürgen Habermas e na noção de narrativa e experiência de Walter Benjamin. Ou seja, o grupo é constituído como um espaço de diálogo constantemente em estado de vigilância com relação às coerções e assimetrias, em que as interações entre as pessoas visam a busca pelo entendimento mútuo.

O grupo se alinha com os princípios do agir comunicativo, onde a comunicação visa a compreensão, sem dominação ou manipulação. Nesse contexto, os participantes têm a oportunidade de narrar suas memórias de maneira aberta e horizontal, sem imposições (aceitam as regras de adesão, coadunam com os objetivos e intencionalidades, se dispõem à comunicação, como um gesto de confiança e honestidade, e, em última instância, se permite à formação em coletivo). A proposta é criação de um espaço de escuta e fala genuínas, favorecendo a intersubjetividade e a formação de laços afetivos e teóricos.

O Grupo para “ComVersar”, conforme exposto, é uma proposta metodológica desenvolvida com base em arcabouços teóricos de Jürgen Habermas e Walter Benjamin, cujo objetivo é criar um espaço onde os participantes possam compartilhar suas histórias e experiências, buscando entendimento mútuo e reflexões coletivas. Barbosa (2021), na dissertação de mestrado “Experiências de formação docente: entre recomendações técnicas e ações comunicativas”, utiliza essa metodologia para investigar as experiências de professores participantes de grupos de pesquisa em educação, ilustrando como um



Grupo para “ComVersar” promove atos de fala não coercitivos, proporcionando um ambiente propício a narração de experiências rememoradas.

3.2 Um exemplo de Grupo para “ComVersar”

Barbosa (2021) relata uma pesquisa, cujo objetivo principal é discutir as experiências de formação docente em grupo, via narrativas de professores de diferentes regiões do Brasil. A investigação analisa como essas formações em grupo podem ser espaços de resistência à racionalidade instrumental imposta por políticas de centralização curricular de vieses neoliberais.

Em termos metodológicos, a referida pesquisa adota abordagem qualitativa inspirada nas ideias de Habermas e Benjamin no delineamento da constituição de um grupo como espaço de investigação, advogando a importância da comunicação livre de coerções e da rememoração proporcionada nesse grupo.

Para tanto, foram assumidas as seguintes estratégias e princípios do agir comunicativo (Habermas) e na constelação de sentidos (Benjamin): a) Convite aberto e composição horizontal. Uma carta-convite foi enviada por e-mail a integrantes de dez grupos de pesquisa certificados no Diretório CNPq (dois em cada região do País). O texto explicitava objetivo, critérios de horizontalidade (nenhum cargo hierárquico dentro do grupo) e três datas-janela para o primeiro encontro remoto. A adesão foi voluntária, formalizada pelo TCLE; quatro pesquisadores responderam positivamente, formando um coletivo heterogêneo, mas com paridade de voz garantida por acordo prévio de regras.

b) Sessões de produção de dados em espiral reflexiva. Realizaram-se dois encontros sincrônicos. Diferenciam-se de grupos focais clássicos por três dispositivos: (1) roteiro não linear – quatro “gatilhos narrativos” amplos substituem perguntas dirigidas; (2) mediador-facilitador intervém apenas para assegurar igualdade de fala, nunca para conduzir temas; (3) registro multimodal – gravação de áudio, chat e quadro virtual onde cada participante anexou a imagem ou obra que simbolizava sua experiência. As temáticas-gatilho foram: (i) trajetória de entrada em grupos de pesquisa; (ii) impactos na formação docente; (iii) reorganização na pandemia; (iv) metáfora artística da experiência.

c) Procedimento analítico dialógico e devolutivo. As gravações foram transcritas literalmente e devolvidas aos participantes. Cada um pôde suprimir, acrescentar ou reordenar trechos (direito de veto). Esse material foi então reorganizado pela



pesquisadora em quatro blocos temporais-constelação. A autora aplicou leitura teórico-temática, articulando as unidades ao agir comunicativo e à lógica benjaminiana da experiência.

As reuniões desse grupo ocorreram de forma remota, devido à pandemia de Covid-19, e envolveram dois encontros de aproximadamente quatro horas. Durante essas reuniões, os participantes foram convidados a compartilhar suas memórias, narrando suas experiências formativas constituídas em grupos de pesquisa.

O desenvolvimento dos encontros é orientado por questões abertas que estimulam as(os) participantes a refletir sobre suas trajetórias, a convivência em grupo e o impacto dessa formação em suas práticas atuais docentes, considerando que todos(as) são professores(as). O grupo é organizado para ser um espaço de fala livre e intersubjetiva, onde participantes dialogam sem imposições, buscando o entendimento e a construção coletiva de novos significados.

O estudo envolve quatro participantes de diferentes regiões do Brasil, todos vinculados a grupos de pesquisa em educação. Os nomes de participantes são substituídos por pseudônimos com base em autores ou referências de obras que os próprios participantes escolheram para representá-los enquanto professores e pesquisadores em formação, a saber, Nilson Furtado (licenciado em Pedagogia pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA -, e mestrando em Educação para a Ciência pela UNESP), Eduardo Galeano (graduando em Letras na Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA), Maria Bethânia (licenciada em Matemática pela UNESP e mestranda em Educação para a Ciência pela UNESP), Tom Zé (professor da Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR -, licenciado em Ciências Biológicas e doutor em Educação para a Ciência pela UNESP).

3.2.1 A dinâmica do Grupo para “ComVersar”

A interação entre as pessoas participantes é pautada pelo entendimento recíproco, segundo a perspectiva habermasiana, sem interferência de poder ou hierarquia. No contexto do Grupo para “ComVersar”, isso significa que os atos de fala dos participantes devem ser isentos de coerções, com pretensões de validade orientadas para o consenso. O objetivo é promover uma comunicação que tenha como foco a busca pela verdade, compreensão e sinceridade, criando um ambiente de troca genuína das experiências, vislumbrando horizontes de emancipação. O ideário benjaminiano complementa esse



cenário ao promover a narração como uma forma de recuperar a Experiência coletiva. Assim o sendo, a narrativa é catalisadora de reativação de memórias que entrelaçam passado e presente de maneira profunda e significativa, permitindo não apenas compartilhar vivências, mas também transformá-las em Experiências que se conectam com uma dimensão mais ampla da vida social e cultural.

O Grupo para “ComVersar” é um caminho de (re)conhecimento para e entre os que conversam, onde as pessoas participantes podem falar, livres das coerções sistêmicas, voltando-se para o entendimento, isso por meio de narrativas estimuladas por memórias que são acessadas ao ouvir o Outro. Em linhas gerais, a proposta de Grupo para “ComVersar” pode ser entendida como a criação de um espaço, onde um grupo de pessoas debatem temas de interesse comum, em reuniões de frequência e duração, anteriormente, definidas pelo grupo. Essas pessoas são estimuladas a conversar umas com as outras por um mediador que, zelando por condições para que a racionalidade comunicativa sobreponha racionalidade técnica, orientará a obtenção de entendimento sobre as questões deliberativas que podem ser rememoradas e narradas como experiências por meio de uma conversa coletiva. Esse processo coletivo de narrativas possibilita o entrelaçamento de experiências individuais e coletivas, criando uma constelação de significados compartilhados, conforme descrito por Benjamin (2013). O ambiente do Grupo para “ComVersar” se comparado a um espaço onde as “Mônadas”¹⁶ das experiências individuais se conectam, revelando um todo mais complexo e significativo.

A ideia de Grupo para “ComVersar” também se conecta diretamente ao conceito de esfera pública de Habermas. O grupo se aproxima dessa esfera ao proporcionar um espaço onde as discussões e trocas de experiências podem levar à repolitização da sociedade civil. Ao compartilhar suas narrativas e refletir coletivamente sobre suas formações e experiências, os participantes estão, de certa forma, recuperando a esfera pública, onde questões de interesse coletivo são debatidas e discutidas de maneira crítica e democrática.

Habermas (2014) argumenta que a esfera pública é o espaço onde os indivíduos podem debater questões de relevância comum, livres de pressões sistêmicas. O Grupo

¹⁶ Benjamin dá dinamicidade para a produção de Mônadas como método, utilizando-o na produção de unidades de significado que expressam o conteúdo em essência da totalidade. Na perspectiva do autor, cada Mônada deve conservar a memória de toda uma narrativa. A elaboração de Mônadas envolve um trabalho artesanal de composição em mosaico, no qual cada parte contém a ideia do todo e se faz dizível por ela mesma, representando o fenômeno da ideia apresentada a partir de uma unidade de texto (escrito, falado, pictórico) sobre a experiência narrada (Taveira; Ciríaco, Peralta, 2023, p. 36).



para “ComVersar” oferece este ambiente: um espaço protegido das pressões e imposições da racionalidade instrumental, onde os participantes podem conversar.

3.2.2 Caracterização de um Grupo para “ComVersar”

a) Ação comunicativa e pretensões de validade

No Grupo para “ComVersar”, os participantes expõem suas pretensões de validade ao narrar suas histórias e vivências, buscando o entendimento coletivo em vez de impor suas visões, ao conformar um ambiente receptivo ao exercício da memória, da fala e da escuta, despojado da necessidade da imposição, hierarquização de visões de mundo ou julgamento em sentido classificatório e discriminatório. Conforme descrito por Habermas (2012a; 2012b), a comunicação dentro do grupo deve ser orientada pela sinceridade, verdade e compreensibilidade, elementos fundamentais para garantir que o diálogo seja livre de coerções. Isso se evidencia na forma como os participantes são encorajados a compartilhar suas histórias pessoais e acadêmicas. Por exemplo, a provocação feita pela pesquisadora — “Gostaria que vocês falassem, gostaria que vocês pensassem a respeito do porquê, o que levou vocês a estarem nesses grupos” (Barbosa, 2021, p. 70) — visa estimular a reflexão individual, sem que haja uma expectativa específica sobre o que deve ser respondido. A estrutura dialógica permite que cada participante, ao falar, busque o entendimento e a reciprocidade, características centrais da ética discursiva habermasiana, onde o foco é o consenso e não a coerção.

Maria Bethânia, uma das participantes, compartilha suas inseguranças e dúvidas ao dizer que “para vocês, eu posso dizer que eu estava e não estava. Eu não tinha noção do que era licenciatura. Era muito novo para mim” (Barbosa, 2021, p.76). Ao fazê-lo, busca um entendimento recíproco, sem pressões, e encontra no grupo um espaço de acolhimento e diálogo aberto. Essa busca por entendimento é reforçada pela ética discursiva presente nas interações do grupo. O respeito pela fala do outro e a busca por uma compreensão mútua são princípios centrais que permeiam todas as conversas, criando um ambiente onde os atos de fala são intersubjetivos e colaborativos, respeitando as pretensões de validade dos participantes. Isso pode ser evidenciado ainda nas palavras de Maira Bethânia ao mencionar que “o grupo me mostrou que eu não estou sozinha, que se tiver algum, alguma aflição, eu posso levar para o grupo discutir e o grupo vai me ajudar em algum ponto, eu tenho certeza disso.” (Barbosa, 2021, p. 83).

b) Rememoração e narração



A rememoração, conforme descrita por Benjamin (2018), é um processo de entrecruzamento de tempos, onde o passado, o presente e o futuro se interligam para gerar novos significados. Esse pressuposto pode ser evidenciado nas reuniões do Grupo para “ComVersar”. Durante os encontros, as narrativas compartilhadas pelos participantes, frequentemente evocavam memórias de suas trajetórias formativas que, até então, pareciam dispersas, mas que no espaço do grupo se reavivaram, se articulando em novos sentidos.

Os participantes, ao compartilhar suas experiências, frequentemente revisitam memórias que os conectam com momentos passados e os projetam para possíveis futuros. Maria Bethânia, por exemplo, comenta que, ao ouvir um dos colegas, ela foi “lembrando de coisas da vida”, mostrando como a fala do outro atua como um “gatilho” para a rememoração (Barbosa, 2021, p.75). Nesse contexto, o grupo funciona como um catalisador que permite a transformação dessas memórias em novas compreensões de si e dos outros. A rememoração no grupo não apenas revisita o passado, mas também proporciona aos participantes uma oportunidade de (auto)entendimento de suas trajetórias formativas e profissionais

A fala de Tom Zé, também participante da pesquisa, ilustra esse processo de rememoração, ao mencionar que “conforme vocês foram falando sobre as perspectivas vocês, relatando suas vivências, foi passando um filme na minha cabeça e muito do que vivi começou a fazer sentido agora para mim. Ele foi falando e eu fui lembrando das coisas minha vida” (Barbosa, 2021, p. 77). A memória pessoal de Tom Zé foi ativada pela fala de outro participante, mostrando como o diálogo no grupo cria um ambiente fértil para que as experiências passadas sejam revisitadas e (re)compreendidas à luz do presente e das novas interações que surgem durante as reuniões. Dessa forma, o Grupo para “ComVersar” não apenas promove a troca de experiências, mas também facilita a construção de novas interpretações por meio de rememoração em ambiente coletivo.

c) Esfera pública e superação da despolitização

O Grupo para “ComVersar” se aproxima do conceito de Esfera Pública de Habermas (2014), sendo um espaço onde os participantes discutem temas de interesse coletivo, (re)contextualizando suas experiências formativas e (re)politizando suas ações. Durante as reuniões, os participantes comentam sobre os desafios enfrentados em suas formações e como esses desafios se relacionam com as políticas educacionais em vigor.

O participante Eduardo, por exemplo, destacou o papel fundamental que se formar em grupo teve em seu desenvolvimento acadêmico e em sua percepção de pertencimento



ao ambiente educacional, afirmando que o “acolhimento do grupo talvez tenha sido um dos motivos para que eu quisesse ficar e também me sentisse a vontade e fundamentado para me colocar, colocar o que vivi, mas também o que me faltou viver e as dúvidas sobre tudo isso” (Barbosa, 2021, p.75). Essa fala reflete o caráter acolhedor e colaborativo do grupo ao permitir que participantes (re)politizem suas ações. Nesse sentido, o grupo pode atuar como um espaço de superação da despolitização, estimulando a repolitização da esfera pública por meio da conversa, da troca de experiências e da construção coletiva de entendimento.

O Grupo para “ComVersar” se configura como um espaço que pode aproximar-se da esfera pública de Habermas (2014), um local onde as discussões sobre questões comuns podem ser politizadas e recontextualizadas. Nas reuniões, ao discutir suas experiências de formação e os desafios que enfrentam como professores e acadêmicos, os participantes superam a despolitização comum no ambiente acadêmico contemporâneo. São exemplos disso o relato de Tom Zé que, ao rememorar sobre o grupo de pesquisa no qual se formou, disse que “agora eu consigo perceber como aquele grupo teve um papel fundamental na iniciação à pesquisa, e como este grupo me proporcionou amadurecer na pesquisa ao me ajudar a enxergar o quanto os estímulos institucionais que temos para pesquisar não são neutros” (Barbosa, 2021, p. 77), e também o relato de Nilson Furtado ao dizer que “agora, ouvindo vocês falando, me vêm muitas ideias sobre como nem todas as pessoas tem possibilidades de ter voz nos espaços de discussão” (Barbosa, 2021, p.100). O estar em grupo não apenas proporciona desenvolvimento acadêmico, mas também estimula discussões sobre a sociedade e a transformação do mundo. Esse tipo de troca fomenta a repolitização da Esfera Pública por meio da criação de um espaço de conversação genuína e crítica.

d) Resistência à desumanização e à mecanização da experiência

Segundo Benjamin (2018), a narração é uma forma de resistência à desumanização provocada pelo progresso técnico. No Grupo para ComVersar, a narração de experiências permite que os participantes resgatem o sentido humano de suas trajetórias, indo além de uma visão puramente técnica ou instrumental da formação. Bethânia, ao relatar sua insegurança inicial ao apresentar um texto teórico, revela como a participação no grupo ajudou em seu amadurecimento pessoal e acadêmico: "Eu fui me sentindo, eu falei, não é disso que eu gosto, é isso que eu quero fazer". Esse processo de reflexão e partilha permite que os participantes mantenham uma conexão com suas



experiências humanas, resistindo à tendência de mecanização e despersonalização presentes no progresso técnico.

Ao criar um espaço onde as histórias de vida podem ser narradas, o grupo possibilita a recuperação da experiência autêntica, permitindo que os participantes resistam às pressões sistêmicas das decisões urgentes, das elaborações aceleradas, das produções burocráticas que muitas vezes dominam os espaços formativos.

4 Considerações finais

*Pois qual o valor de todo o nosso patrimônio cultural,
se os processos formativos
não o vinculam a nós?
- Benjamin¹⁷*

Na Modernidade, conforme descrita por Habermas com suas patologias e processos de esvaziamento da experiência sinalizados em Benjamin, se tornam cada vez mais importantes metodologias de pesquisa que contemplem o Outro não como sujeito a ser “assujeitado”, exposto e esquartejado nas pesquisas, mas como um(a) parceiro(a) na constituição não só de dados, mas da realidade da pesquisa em si.

Nesse sentido, o conjunto de trabalhos da Teoria Crítica que, expressando a crise teórica e política do século XX, se tornam suporte para esforços de rupturas epistemológicas com sistemas racionais metafísicos na busca por um projeto de racionalização emancipatória da sociedade, enquanto produtora de consciência das Experiências. Isto posto, pois os teóricos críticos, seja em contexto de ascensão de nazismo, da Guerra Fria, das fases capitalismo tardio, das armadilhas do conservadorismo ou do progressismo neoliberal; sempre se colocam a pensar diagnósticos do tempo presente, influenciando movimentos científicos, políticos e sociais (Arantes, 1980).

Jürgen Habermas e Walter Benjamin, pensadores dessa vertente, em suas obras denunciam uma crise sempre vigente na sociedade capitalista relacionada a processos de produção de conhecimento comprometidos com a emancipação humana, especialmente, em tempos de avanços e transformações do ideário neoliberal. E a inspiração nesses autores fundamenta questionamentos sobre as intenções no ato de pesquisar. Afinal, se pesquisa sobre experiências de formação se resumir a captar a memória voluntária de participantes, uma entrevista ou um questionário seriam opções. Entretanto, isso reduziria as respostas aquilo que está ao alcance da racionalidade instrumental e, portanto, incapaz

¹⁷ BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 115.



de evocar a consciência da Experiência e sem compromissos com possibilidades de criar e politizar espaços de Esfera Pública e com oportunidades de “descolonização” do Mundo da Vida.

A proposta do Grupo para “ComVersar” carrega a defesa de correspondência entre forma e conteúdo, estética e ética na pesquisa, ao privilegiar a constituição de dados via organização de interações entre pessoas orientadas pelo agir comunicativo, narrando suas memórias, adentrando ao campo da memória involuntária, buscando o entendimento e tomando consciência de experiências com possibilidades de análise da realidade. Posto de outra forma, o resgate de memórias para identificar a experiência formativa discutida em Benjamin pode ocorrer mediada pela racionalidade comunicativa posta em Habermas, no espaço de um grupo coletivo e comunicativo, que discuta as experiências formativas das pessoas que se politizam ao politizar a metodologia da pesquisa.

As narrações de experiência são possibilidades de construção de conhecimento que envolvem pessoas que participam dos processos estudados, legitimando as memórias narradas sobre experiências como fontes de dados de fenômenos estudados. Além disso, a criação de espaços que reúnam pessoas “simplesmente” para conversar livremente, sem assimetrias ou coerções, se faz uma via de pesquisa na contramão do paradigma capitalista de produção que, valorizando a eficiência expressa na relação otimizada entre tempo e resultados, como sinalizado por Habermas (2014a), coloniza o Mundo da Vida das pessoas e torna a Ciência refém da racionalidade instrumental dominada por um ideário global de lucratividade.

Por fim, pessoas reunidas em grupos são espaços potentes de formação e de pesquisa com possibilidades de extrapolar o meio acadêmico e se fazer presente nas mais diversas esferas sociais. O uso de atos de fala livres de assimetrias, a construção de entendimentos e consensos de forma democrática, a rememoração e narração, são experiências que, valorizando a experiência, tem poder de antídoto contra as patologias da modernidade.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.



Referências

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ALVES, N. T. C. **Professores e políticas de centralização curricular**: uma análise do processo na construção do currículo da cidade de São Paulo na perspectiva habermasiana. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Ilha Solteira, 2022.
- ARANTES, P. E. Vida e obra. In: CIVITA, V. (ed.). **Textos escolhidos de Benjamin, Horkheimer, Adorno e Habermas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: CIVITA, V. (ed.). **Textos escolhidos de Benjamin, Horkheimer, Adorno e Habermas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980a.
- BENJAMIN, W. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: CIVITA, V. (ed.). **Textos escolhidos de Benjamin, Horkheimer, Adorno e Habermas**. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980b.
- BARBOSA, R. de O. **Experiências de formação docente**: entre recomendações técnicas e ações comunicativas. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, Ilha Solteira, 2021.
- BARRENTO, J. Identidade e literatura: O Eu, o Outro, o Há. **Diacrítica**, Braga, v. 26, n. 3, p. 9-39, 2012.
- BENJAMIN, W. Experiência e Pobreza. In: BENJAMIN, W. **Obras Escolhidas**: magia e técnica, arte e política. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENJAMIN, W. Experiência. In: BENJAMIN, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Summus, 1984.
- BENJAMIN, W. **Origem do drama trágico alemão**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- BENJAMIN, W. **Passagens**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2018.
- CORRÊA, C. S.; SOUZA, S. J. e. Walter Benjamin e o problema do texto na escrita acadêmica. **Mnemosine**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 2-25, 2016.
- CRUZ, R. A. **Currículo, professoras que ensinam matemática e jogos em grupo**: uma possibilidade de (re)política da esfera pública. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) - Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2022.
- FREITAG, B. Habermas e a teoria da modernidade. **Cadernos CRH**, Salvador, n. 22, 1995, p. 138-163
- GATTI, B.; ANDRÉ, M. A relevância dos métodos de pesquisa qualitativa em Educação no Brasil. In: WELLER, W; PFAFF, N. (Org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010.
- GOODSON, I. O uso de métodos de história de vida para a compreensão das experiências vividas. In: **Narrativas em educação**: a vida e a voz dos professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2015.



- HABERMAS, J. **Conhecimento e interesse**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014a.
- HABERMAS, J. **Mudança estrutural da esfera pública**. São Paulo: Editora Unesp, 2014b.
- HABERMAS, J. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014c.
- HABERMAS, J. **Técnica e ciência como "ideologia"**. São Paulo: Editora Unesp, 2014d.
- HABERMAS, J. **A nova obscuridade: Pequenos escritos políticos V**. São Paulo: Martins Fontes, 2015.
- HABERMAS, J. **Facticidade e validade**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.
- HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Trad. Luiz Sérgio Repa e Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- HABERMAS, J. **Racionalidade e comunicação**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. São Paulo: Martins Fontes, 2012a.
- HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: sobre a crítica da razão funcionalista**. São Paulo: Martins Fontes, 2012b.
- HORKHEIMER, M. **Teoria Tradicional e Teoria Crítica**. Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- LIMA, A. C. **Currículo de Matemática e Educação Profissional e Tecnológica: a constituição de Esfera Pública como espaço de formação docente**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) - Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2020.
- LIMA, C. M. **A percepção de professores e coordenadores pedagógicos sobre a implantação curricular do Novotec Integrado: entre o Sistema e o Mundo da Vida**. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) - Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2021.
- NOBRE, M. **A teoria crítica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- NOVAES, J. I. **Reforma Curricular na Educação Infantil: entreolhares e intraolhares da Coordenação Pedagógica**. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino e Processos Formativos) - Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2020.
- PERALTA, D. A. **Formação continuada de professores de matemática em contexto de reforma curricular: contribuições da Teoria da Ação Comunicativa**. 2012. Tese (Doutorado em Educação para Ciências) - Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Bauru, 2012.
- PERALTA, D. A. Mulheres, matemática e a proposta curricular das "escolas de primeiras letras": uma perspectiva da ética discursiva habermasiana. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 28, e22016, 2022.
- PERALTA, D. A. **O modelo crítico reconstitutivo de Jürgen Habermas como referencial de análise à participação de professoras e professores de matemática em processos de reforma curricular**. 2023. 165 f. Tese (Livre-docência em Educação Matemática) – Faculdade



de Engenharia de Ilha Solteira da Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Ilha Solteira.

POSTINGUE, T. P.; PERALTA, D. A. Um Olhar Habermasiano sobre o Silenciamento da Formação para Avaliar nas Diretrizes Curriculares Nacionais das Licenciaturas em Matemática. **Bolema**: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, v. 34, p. 1304-1323, 2020.

PROUST, M. **No caminho de Swann**. 20. ed. São Paulo: Globo, 1998.

PROUST, M. **O tempo redescoberto**. 15. ed. São Paulo: Globo, 2001.

ROCHA, C. de J. Comentário a “Educação, experiência formativa e pensamento dialético em Theodor W. Adorno”. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 45, n. 4, p. 179-182, 2022.

RODRIGUES, A. F. de B. **Desenvolvimento Curricular na Escola Maria Peregrina e as Possibilidades do Agir Comunicativo**. 2018. Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Ensino e Processos Formativo) - Universidade Estadual Paulista, Ilha Solteira, 2018.

ROSA, H. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Unesp, 2019.

ROSA, H. **Alienación y aceleración**: hacia una teoría crítica de la temporalidad en la modernidad tardía. Buenos Aires: KATZ, 2016.

ROSA, H. **Resonance**: a sociology of our relationship to the world. Cambridge: Polity Press, 2021.

SANCHES, E. O.; SILVA, D. J. Reflexões sobre a noção de experiência na obra de Walter Benjamin. **Comunicações**, Piracicaba, v. 26, n. 3, p. 151-165, 2019.

TAVEIRA, F. A. L.; CIRÍACO, K. T.; PERALTA, D. A. Monad Narratives about Mathematics from Students/Teachers in a Parfor Pedagogy course in the Amazon Region. **Bolema**: Boletim de Educação Matemática, Rio Claro, v. 37, p. 24-48, 2023.

Recebido em: 06 de fevereiro de 2025.

Aceito em: 07 de agosto de 2025.